



SOCIEDADE

Jovem do DF lidera uso de cigarro eletrônico

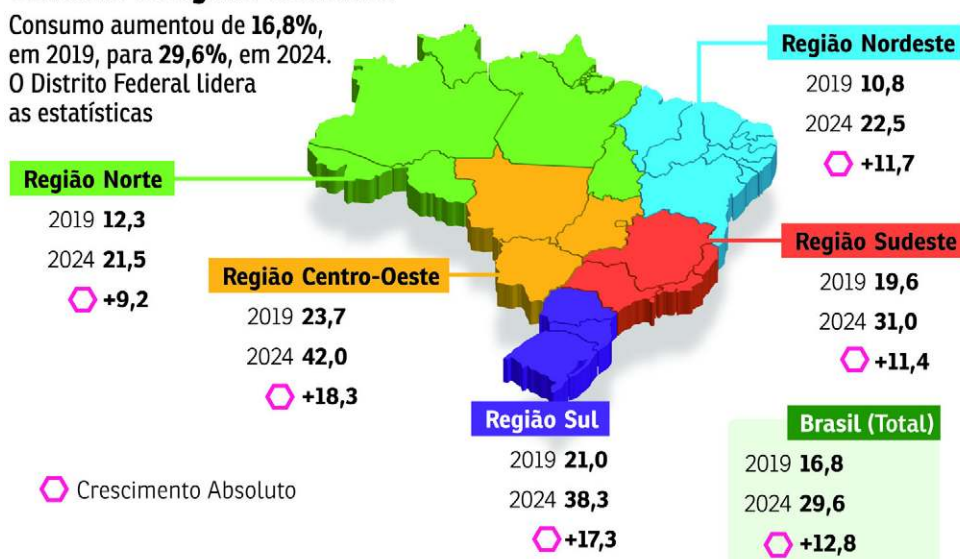
Alerta é da 5ª edição da Pesquisa de Saúde do Escolar, que ouviu adolescentes entre 13 e 17 anos das redes de ensino pública e privada. Levantamento mostra ainda índices de agressão sexual, uso de contraceptivos e insatisfação com a vida

» CAETANO YAMAMOTO*

Retrato preocupante

Consumo de cigarro eletrônico

Consumo aumentou de 16,8%, em 2019, para 29,6%, em 2024. O Distrito Federal lidera as estatísticas



Abuso Sexual

Em 2024, 18,5% dos escolares informaram terem passado por situação em que alguém o tocou, manipulou, beijou ou expôs partes do corpo contra a sua vontade alguma vez na vida.

Categoria	Subcategoria	Percentual 2024 (%)	Variação vs. 2019 (p.p.)
Geral	Total Brasil	18,5	+3,8
Gênero	Meninas	26,0	+5,9
Gênero	Meninos	10,9	—
Rede de Ensino	Escola Pública	—	+4,2
Faixa Etária	13 a 15 anos	17,1	—
Faixa Etária	16 e 17 anos	20,9	—
Agressor	Outra pessoa	24,6	—
Agressor	Outros familiares	24,4	—
Agressor	Pessoa desconhecida	24,0	—
Agressor	Namorado(a)	21,2	-7,9
Agressor	Amigo(a)	20,4	-4,4

Insatisfação com o próprio corpo

Entre os entrevistados, 27,2% se disseram "muito insatisfeitos" ou "insatisfeitos".

Ano	Muito satisfeito ou satisfeito (%)	Indiferente (%)	Insatisfeito ou muito insatisfeito (%)	Registro vazio (%)
2019	66,5	10,5	22,2	0,8
2024	58,0	14,0	27,2	0,8

Relação forçada

A pesquisa expõe que o percentual de jovens entre 13 a 17 anos obrigados a terem relações sexuais foi de 8,8%, sendo que 26,6% dos entrevistados informaram que sofreram violência sexual de outros membros da família.

A pesquisa mostra que, em 2024, 18,5% dos escolares informaram terem passado por situação em que alguém o tocou, manipulou, beijou ou expôs partes do corpo contra a sua vontade.

Essa violência foi reportada, principalmente, por mulheres — 26,0% passaram por essa situação, mais do que o dobro dos meninos (10,9%).

Comparado com 2019, houve um aumento percentual de 3,8% de estudantes que sofreram assédio sexual. As situações foram mais reportadas por adolescentes de 16 a 17 anos (20,9%) e de 13 a 15 anos (17,1%). Entre os agressores apontados pelos alunos estavam: outra pessoa (24,6%),

Tristeza e vontade de se machucar

Considerando o indicador "vida não vale a pena ser vivida", 18,5% dos adolescentes disseram ter se sentido desse modo "na maioria das vezes" ou "sempre".

Categoria	Subcategoria	2019 (%)	2024 (%)	Variação (p.p.)
Geral	Brasil	31,4	28,9	-2,5
Gênero	Homem	17,5	16,7	-0,8
Gênero	Mulher	44,9	41,0	-3,9
Rede de Ensino	Pública	31,8	29,2	-2,6
Rede de Ensino	Privada	29,0	27,2	-1,8

Uso de preservativo e gravidez na adolescência

Em 2024, o percentual de escolares de 13 a 17 anos que já tiveram relação sexual foi 30,4%. Uma parcela significativa não utilizou preservativo na primeira relação sexual.

Categoria	Indicador	Percentual (%) em 2024	Variação vs. 2019 (p.p.)
Vida Sexual	Já tiveram relação sexual	30,4	-5,0
Prevenção	Uso de preservativo na primeira relação	61,7	—
Pílula do dia seguinte	Uso da pílula seguinte para estudantes que já iniciaram a vida sexual	33%	—

Gravidez

Indicador	Dado Absoluto	Percentual (%)
Meninas que já engravidaram (Alguma vez na vida)	121.000	7,3
Provenientes da Rede Pública	119.427	98,7

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

um papel importante na construção de valores e diálogo. Quando há abertura para conversar em casa, o adolescente se sente mais seguro para tirar dúvidas e compartilhar situações", explicou.

Melancolia

Os dados levantados pelo IBGE indicam que 18,5% dos adolescentes disseram que "vida não vale a pena ser vivida" e se sentem assim "na maioria das vezes" ou "sempre". As meninas apresentam um percentual de melancolia duas vezes maior que o observado nos meninos: 25% contra 12%.

Para a psicóloga clínica Kênia Ramos, o aumento de pensamentos relacionados à desesperança e ao comportamento suicida entre adolescentes está associado a uma combinação de fatores biopsicossociais. No caso das meninas, ela observa uma maior vulnerabilidade a questões, tais como: maior exposição e sensibilidade a críticas sociais e padrões estéticos; experiências de comparação constante e validação externa; e maior incidência de sintomas ansiosos e depressivos.

A PeNSE também apontou que estudantes de 13 a 17 anos estão cada vez menos satisfeitos com o corpo. Entre os entrevistados, 27,2% se disseram "muito insatisfeitos" ou "insatisfeitos".

O total de meninas que disseram estar insatisfeitas com a imagem corporal ficou em 36,1%, quase o dobro dos 18,2% dos meninos. "As redes sociais intensificam com a comparação constante, idealização de corpos e vidas 'perfeitas'. O adolescente está em processo de formação psíquica e de identidade, o que o torna mais suscetível. Isso pode impactar diretamente a autoestima, favorecendo quadros de ansiedade, depressão e transtornos de imagem", frisa.

Já a pesquisadora e psicóloga Danielle Monteiro destaca que os estudantes brasileiros tiveram resultados gerais melhores nos indicadores de saúde mental do que os obtidos na pesquisa anterior, de 2019. "Toda essa análise aponta que o Brasil precisa investir na saúde mental dos adolescentes, em especial, na das meninas", diz.

*Estagiário sob a supervisão de Fabio Grecchi

PM agride estudantes no colégio

» FABIO GRECCHI

O Comando da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro afastou o subtenente Ricardo Telles de Noronha Júnior por agredir dois estudantes, ontem, dentro da Escola Estadual Senor Abra-vanel, no Largo do Machado, na Zona Sul da capital fluminense. Parte do episódio foi gravada e viralizou nas redes sociais.

A agressão foi durante uma manifestação, organizada por movimentos estudantis, que reunia dezenas de estudantes. O protesto era por melhoria na unidade de ensino. Ricardo Noronha Júnior é subtenente do Batalhão de Choque e estava de

serviço no Segurança Presente Laranjeiras.

A imagem que viralizou mostra o subtenente discutindo com João Herbella, de 23 anos, diretor do Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (DCE/UFRJ). O policial queria apreender o celular. É quando se aproxima Marissol Lopes, 20 anos, presidente da Associação Municipal dos Estudantes do Rio de Janeiro (Ames Rio). Ela tenta intervir e adverte o policial para "não encostar" nela.

O subtenente, então, desferiu dois tapas no rosto dela e rasgou-lhe a blusa. Nesse momento, Theo Oliveira, 18 anos, diretor da

Associação Municipal dos Estudantes do Rio de Janeiro se aproxima e tenta ajudar. O PM dá-lhe um soco no rosto, que o derruba, e dá mais um tapa em Marissol. O caso foi parar na 9ª Delegacia de Polícia, no Catete, bairro vizinho.

O Comando da PM divulgou nota firmando que "diante da gravidade dos fatos contidos nas imagens captadas na referida unidade de ensino, determinou que a Corregedoria-Geral instaure um procedimento para apurar a conduta do agente de maneira imediata". Já a Secretaria de Estado de Educação, também por nota, lamentou o episódio e informou que prestará apoio aos alunos agredidos.

A manifestação era por causa da denúncia de que um professor teria assediado sexualmente duas alunas. A direção do colégio registrou, também ontem, uma ocorrência e os casos teriam ocorrido no ano passado. A Secretaria Estadual de Educação assegurou que só tomou conhecimento do caso de assédio ontem e afastou o professor.

Além disso, a secretaria abriu uma sindicância para saber se o caso foi encaminhado à Coordenadoria Regional de Educação. O CRE é responsável por supervisionar, apoiar e fazer a gestão das escolas em determinada área. A pasta quer saber se houve omissão apesar do relato das supostas vítimas.

Reprodução de vídeo/Ames Rio



O subtenente Ricardo ataca Theo e parte, de novo, para cima de Marissol